

BASTIDIANA. *Cahiers d'études bastidiennes*, n.1/8, 1993/1994.

*Bastidiana*, cadernos de estudos sobre Roger Bastide (editada sob os auspícios da Associação Roger Bastide, Paris V, e com a cooperação da Equipe de Estudos Bastidianos, Universidade de Caen), revela que, de uns anos para cá, a figura do sociólogo francês deixou os bastidores e passou a ocupar lugar destacado na cena intelectual francesa. É certo que Bastide sempre possuiu um número reduzido mas fiel de colaboradores e alunos. E são estes, mais uma vez, os responsáveis pela divulgação de sua obra.

Mas a produção de Roger Bastide é capaz de sustentar uma publicação regular, poderiam perguntar os menos avisados? Perfeitamente. Basta olharmos cada um dos volumes de *Bastidiana* para nos darmos conta da amplitude e da heterogeneidade da obra de Bastide, que se encontra agora valorizada pela publicação de textos inéditos e pela divulgação de parte de sua correspondência nas páginas da revista.

Objeto de algumas teses universitárias e motivo de organização de colóquios internacionais, a obra de Roger Bastide (1898-1974) surpreende pelo amplo espectro temático que engloba e por um certo ecletismo metodológico exercitado em um período em que tal postura não estava em voga nos meios intelectuais. Suas primeiras publicações situam-se no campo da sociologia da religião (*Les problèmes de la vie mystique*, 1931, e *Éléments de sociologie religieuse*, 1935), terreno nunca mais abandonado por suas análises. Paralelamente às reflexões sobre o misticismo e a religião, Bastide exercita-se na literatura, ensaiando trechos de ficção e realizando análises de cunho sociológico sobre a produção literária francesa, em especial, sobre Proust e Gide, autores também nunca mais esquecidos.

---

1 Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

A vinda para o Brasil, substituindo Claude Lévi-Strauss na cadeira de Sociologia II na Universidade de São Paulo (1938) marcará definitivamente o desenho de sua trajetória: o país onde permaneceu 16 anos o acompanhará por toda a vida, na obra e nos discípulos brasileiros. Os estudos sobre o Brasil constituem a maior parte da produção acadêmica de Roger Bastide. Sua pena recortou o país em múltiplos objetos: cultura popular, literatura, artes plásticas, religião, relações entre brancos e negros etc. Por trás desses distintos recortes temáticos, reside uma preocupação teórica forte: a análise do sincretismo, do contato entre civilizações diferentes.

Dentro dessa linha de preocupação, o exame dos cultos afro-brasileiros – sobretudo do candomblé – irá se constituir em um ramo privilegiado de análise, objeto de suas obras mestras, *O candomblé da Bahia*: rito nagô (1958) e *As religiões africanas no Brasil* (1960). Estes dois estudos são exemplares do caráter interdisciplinar da obra de Bastide. O primeiro trabalho é um exercício antropológico de análise do candomblé como universo autônomo, com sua cosmologia e seu “pensamento sutil”. O segundo, por sua vez, é um estudo sociológico clássico sobre a persistência dos cultos africanos na estrutura social brasileira, examinada em suas sucessivas transformações, desde o período colonial.

De volta à França em 1954, Bastide amplia as pesquisas realizadas em solo brasileiro e volta-se para o exame das Américas negras, da África e dos negros na Europa. A psicologia, inspiração permanente de todos os seus trabalhos (vide, entre outras, a publicação *Sociologia e psicanálise*, 1948), assume, agora, lugar destacado em um contexto de preocupação do autor com o exame das doenças mentais segundo grupos étnicos e camadas sociais.

O perfil desse intelectual – antropólogo, sociólogo, psicólogo social, crítico de arte e de literatura – ganha densidade e sobretudo maior compreensibilidade, diante da publicação dos oito volumes de *Bastidiana*. A revista apresenta uma visão alargada da produção de Bastide pela publicação de sua biobibliografia, de um volume inteiro dedicado à organização dos seus títulos – livros, artigos e resenhas – e de trabalhos escritos sobre ele. A republicação de seus ensaios da década de 1930 (sobre Gaston Richard e Raoul Allier, por exemplo) auxilia a visualização de sua genealogia intelectual, de seu lugar no interior da sociologia francesa: o afastamento em relação a Durkheim e o contato com a obra de Max Weber.

O número dedicado a Proust e Gide, por sua vez, deixa claro que a literatura não constitui um capítulo marginal no interior da produção sociológica de Bastide. Presente desde o início de sua carreira, o material artístico-literário se faz notar, entre outros, nos artigos de crítica literária publicados em *O Estado de S. Paulo*, na década de 1940, nos ensaios sobre o barroco, reunidos em *Psicanálise do cafuné* (1941) e no livro inteiramente dedicado a Gide (*Anatomie d'André Gide*, 1972). O último volume da revista, ao tratar das relações entre Lévi-Strauss e Roger Bastide, fornece material precioso para pensarmos as aproximações – e, sobretudo, os afastamentos – existentes entre ambos.

Entre vários outros méritos, *Bastidiana* cumpre um papel importante ao atribuir a Roger Bastide o destaque que ele merece. Para o leitor brasileiro, uma utilidade adicional: a revista comprova uma vez mais que Bastide é leitura obrigatória para todo aquele interessado no exame da sociedade brasileira. Entretanto, um reparo poderia ser feito à publicação: o caráter de homenagem permanente ao autor compromete, algumas vezes, a análise efetiva de sua produção, carregando excessivamente, em certos números, no tom memorialístico e laudatório em relação ao mestre francês. Bastide reconheceria, sem dúvida, ser o exame crítico e minucioso de sua obra o maior elogio que ele poderia receber.